

## Vivências em situações de exceção no século XX: a institucionalização a partir do caso de Dalila

*Experiences in exceptional situations in the 20th century: institutionalisation based on the case of Dalila*

Igor Morais da Silva,<sup>1</sup> FCHS-Unesp

### Resumo

No início do século XX, José Marques Garcia construiu casas simples em Franca/SP para abrigar pobres e indesejados da cidade. Em 1922, essas construções deram origem ao Asilo Allan Kardec, inspirado na doutrina espírita, que se tornou referência na região por assistir aos necessitados vários. Nesse contexto, em 1927, a instituição recebeu Ernestina, levada pelo marido e cunhado para tratar de suposta loucura. Abandonada, mesmo grávida, a interna deu à luz no asilo. Dalila ali cresceu registrada como interna, passando infância e juventude sob os cuidados da instituição. O trabalho, portanto, discute a institucionalização a partir da história de vida de Dalila, norteado pelos estudos de Goffman (2001) e Giovanni Levi (2006). O aporte documental dar-se-á pelas memórias da biografada, documentos pessoais, registros do Asilo Allan Kardec, entrevistas autorizadas e legislações sobre tratamento mental.

**Palavras-chave:** Institucionalização; Histórias de vida; Allan Kardec.

### Abstract

In the early 20th century, José Marques Garcia built simple houses in Franca/SP, to shelter the city's poor and unwanted. In 1922, these buildings gave rise to the Asilo Allan Kardec, inspired by Spiritism, which became a reference in the region for assisting the needy. In this context, in 1927, the institution received Ernestina, brought by her husband and brother-in-law to treat her alleged madness. Abandoned, even though she was pregnant, the patient gave birth in the asylum. Dalila grew up there, registered as a patient, spending her childhood and youth under the care of the institution. The work, therefore, discusses institutionalisation based on Dalila's life story, guided by the studies of Goffman (2001) and Giovanni Levi (2006). The documentary contribution will be provided by the biographee's memoirs, personal documents, records from the Allan Kardec Asylum, authorised interviews and legislation on mental treatment.

**Keywords:** Institutionalisation; Life stories; Allan Kardec.

### Introdução

Tanto Emília falava em "Minhas Memórias" que uma vez Dona Benta perguntou:

— Mas, afinal de contas, bobinha, que é que você entende por memórias?

— Memórias são a história da vida da gente, com tudo que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte.

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da UNESP – campus de Franca. É bolsista CAPES. E-mail: igor.morais@unesp.br.

— Nesse caso — caçou Dona Benta — uma pessoa só pode escrever memórias depois que morre (Lobato, 2007, p. 12).

O diálogo entre Emília e Dona Benta, publicado pela primeira vez por Monteiro Lobato em 1936, revela que a preocupação com o entendimento do que chamamos de “memórias” e “história de vida” não é recente. No trecho, observa-se que Emília utiliza o termo “memórias” como sinônimo de “histórias de vida”; contudo, esses conceitos são distintos e desempenham um papel fundamental no presente trabalho. Neste estudo, compreendemos memórias como um conjunto de lembranças — deliberadas ou não — acionadas a partir de experiências do presente. Já história de vida refere-se a um campo de investigação que utiliza a trajetória biográfica de uma pessoa como fonte para análise científica. Portanto, o presente texto abordará o conceito de institucionalização a partir da história de vida de Dalila Pereira dos Santos, bem como das memórias por ela mobilizadas.

Dalila Pereira dos Santos foi uma figura singular na história do Hospital Espírita Allan Kardec, fundado em 1922 em Franca-SP por José Marques Garcia. Sua trajetória reúne elementos que, em outras circunstâncias, poderiam conduzir ao esquecimento, mas que, no contexto da institucionalização, a transformaram em símbolo significativo para o estudo de vivências em situação de exceção. Filha de paciente internada e abandonada pelo pai, Dalila nasceu no próprio hospital em 1927. Na contramão daquilo que ocorria em situações semelhantes, nas quais as crianças eram encaminhadas para adoção, ela ficou na instituição, sendo conhecida como “a filha da casa”, apelido dado pelo então diretor e fundador da instituição. Dalila construiu com o hospital uma relação de afeto e, no limite, compromisso, dedicando-lhe toda a sua vida e exercendo funções relevantes em diversos setores da instituição. Sua história reflete não apenas um percurso individual, mas também oferece dimensão social da trajetória da psiquiatria no Brasil.

Este artigo, portanto, se insere no campo da história de vida. Não se trata de fazermos aqui a escrita de uma biografia tradicional ou de uma simples compilação das memórias de Dalila. O trabalho faz uso de sua autobiografia e de depoimentos registrados em entrevistas, de modo que sua riqueza reside no caráter coletivo do processo: de um lado, a narradora, Dalila, que rememora e documenta sua trajetória; de outro, o pesquisador, que interpreta e atribui sentido aos fatos e lembranças relatados.

A história de vida, conforme definiu Lígia Pereira (2009, p. 118), é “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador”. Diferencia-se, assim, de outros gêneros próximos. Na autobiografia, a narrativa é construída a partir das experiências selecionadas pelo próprio autor; na biografia, por sua vez, a trajetória é

narrada por terceiros e, em geral, organizada de forma linear, com ênfase na experiência individual. Já no campo da história de vida, o indivíduo não é apenas fim em si mesmo, mas funciona como uma janela para a compreensão de dimensões coletivas, sociais e históricas. O pesquisador neste caso deve “realizar três operações sucessivas: o recorte do texto, a montagem e a tradução (passagem da linguagem oral para a escrita)”.

As histórias de vida podem ser abordadas de distintas maneiras. A literatura distingue relatos centrados no sujeito, bem como entrevistas orientadas ao contexto e/ou a eventos específicos. Tais perspectivas são usualmente classificadas como biografia e história de vida. Na concepção dessa modalidade de pesquisa, destacam-se algumas questões fundamentais: a) a abrangência da trajetória existencial; b) a delimitação de temas ou sequências; c) o grau de liberdade conferido ao narrador em contraposição à condução do pesquisador; e d) a forma de apresentação do discurso, se em registro integral ou em versão reconstruída para fins de inteligibilidade.

Levando em consideração o último ponto, Queiroz (1988, p. 24-25) salientou que

justamente porque se trata de um indivíduo considerado em sua integralidade, a biografia não pode ser decomposta em elementos ou utilizada em fragmentos, sob pena de se perder completamente o sentido que se procurava: o desenvolvimento da personalidade, isto é, do “eu” (...) esta exigência não tem razão de ser quando se trata de um estudo sociológico ou antropológico. Neste caso, o aproveitamento da biografia ou da autobiografia se faz no sentido de buscar como estão ali operando as relações do indivíduo com seu grupo, com sua sociedade.

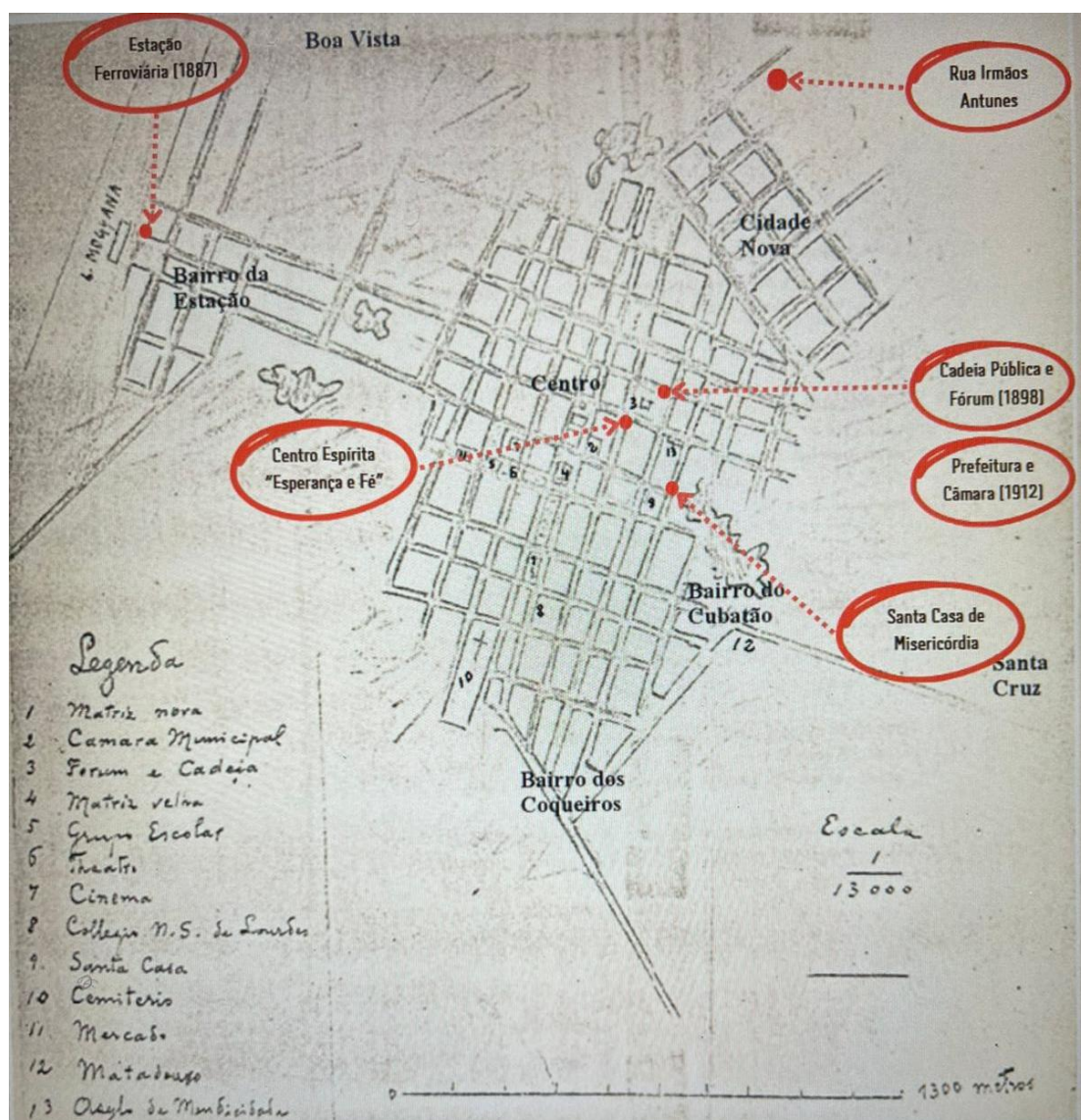
Não se trata, portanto, de considerar Dalila de forma isolada, tampouco de compreendê-la em sua unicidade. O que se busca, neste estudo, é, por meio da análise de sua memória, apreender os elementos que atravessam sua experiência de vida e os contextos nos quais ela esteve inserida. Dalila é, assim, parte de um todo, e a compreensão de sua memória depende da intelecção desse conjunto mais amplo. Ainda que nossa personagem seja elemento coletivo e a ideia desta pesquisa seja utilizar das suas memórias e experiências para problematizar a literatura que tratou a institucionalização, precisamos nos atentar a maneira como essas informações serão coletadas, pois estamos tratando de adentrar a subjetividade de outrem.

### **O cenário da institucionalização**

Nada consta em documentação que a instituição Allan Kardec teria sido planejada pelo seu fundador, José Marques Garcia. Ao que nos parece a iniciativa teria sido fruto das

intensas reclamações que o sujeito recebia da opinião pública por assistir desprivilegiados vários no centro espírita o qual administrava no centro da cidade de Franca. Localizado em edifício próximo da Santa Casa da cidade, bem como da delegacia, o Centro Espírita Esperança e Fé fornecia diversos donativos para àqueles que necessitavam de ajudas variadas, desde roupas à alimentação. Pressionado pela opinião pública, José Marques Garcia transferiu a assistência que fornecia no centro da cidade para um terreno na então Rua dos Irmãos Antunes onde construiu pequenos “puxadinhos” que dar-se-ia, em 1922, origem ao Asilo Allan Kardec.

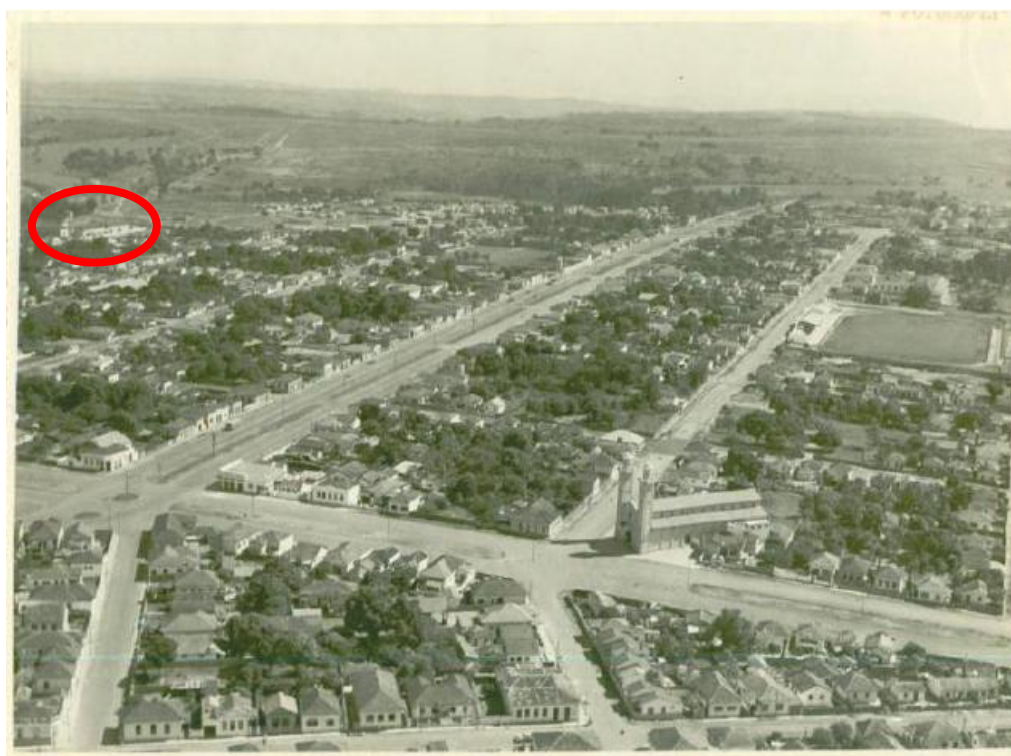
**Figura 1** – Mapa da cidade de Franca em 1912



Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Franca “Capitão Hipólito Antônio Pinheiro”.

O mapa editado para destacar o contexto de criação do Asilo Allan Kardec, nos revela que o amparo aos desvalidos de toda ordem era tolerado em zonas limítrofes da cidade. A construção dos “puxadinhos”, já na década de 1940 tinha dado origem a um estabelecimento grande e complexo que, mesmo que afastado, servia como a principal instituição de assistência aos indivíduos chamados de loucos ou em sofrimento psíquico.

**Figura 2** – Foto Aérea da avenida principal da cidade, “Avenida Rio Branco”, hoje “Avenida Presidente Vargas” - destaque para o Asilo Allan Kardec ao fundo (década de 1940)



Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Franca “Capitão Hipólito Antônio Pinheiro”.

Foi em meia à realidade do Allan Kardec enquanto espaço improvisado de assistência que começou a história da personagem fonte dessa investigação.

Foi num dia como qualquer outro dos anos 1920 que em Franca um homem com o irmão e a cunhada, residentes da cidade de Pitangueiras<sup>2</sup>, apareceram em busca de tratamento do que julgavam ser a loucura da senhora Dona Ernestina. Ela, segundo relatos, gritava muito e dizia que queria matar o marido. Furiosa, ela afirmava que era recém-casada e que sofria maus tratos.

<sup>2</sup> Cidade localizada a 140 km de distância de Franca.

Ao que parece a família da senhora acreditou tratar-se de um surto de loucura provisório que poderia ser resolvido com um remédio qualquer. Assim, “juntaram” o dinheiro necessário para irem à Franca por um dia e foram atendidos na Santa Casa local. Obviamente a Sra. Ernestina foi medicada e ficou em observação, o que exigiu que os dois homens continuassem na cidade. Como não tinham recursos para hotéis e/ou pousadas recorreram às dependências do Allan Kardec.

Os dias se passaram e como não tiveram a solução desejada, os homens avisaram à Santa Casa de Misericórdia de Franca que estavam hospedados no Allan Kardec e a este que precisariam voltar à lida da fazenda e angariarem mais recursos para permanecerem em Franca e/ou buscar Dona Ernestina. O fato é que os homens se foram e desapareceram.

Pouco tempo depois, em virtude dos medicamentos e/ou da ausência do marido, suposto agressor, Sra. Ernestina teve alta e, sem ter para onde ir, foi hospedada pelo casal caseiro do Allan Kardec. Mas ela estava grávida.

Segundo os registros de Dalila, Dona Maria, mulher de Sr. Francisco, o caseiro e também enfermeiro, costurava paninhos destinadas ao ciclo menstrual das enfermas e hospedes e notou que Ernestina não precisava deles, o que denotava gravidez. Como os dois homens não voltavam, várias foram as tentativas de contatá-los:

[o caseiro] refletiu bem e resolveu avisar o Diretor da casa e escrever ao esposo; avisando o estado em que se encontrava sua esposa e assim fez; mas nada de respostas, escreveu mais cartas e nada de notícias e assim corriam os meses e aproximava o dia do nascimento do filho ou filha (...) e nada de notícias de seu esposo. Cansaram de escrever e não se importaram mais em saber notícias (Dalila, s/d., p. 2 e 3).

A criança nasceu, assim, nas dependências do Asilo. Em resumo: ela nasceu ali, bem como ali passou a infância e adolescência. Registrada como interna, Dalila Pereira dos Santos recebeu “alta” apenas quando se casou, ocasião em que passou a residir em moradia doada pela própria Instituição.

### **Memória e Institucionalização: do nascimento desejado à disputa pela criança**

Em seu livro *Memórias de Velhos*, a autora Ecléa Bosi (2023) discute o conceito de memória e sua relação com a história oral. Bosi se baseia nas hipóteses psicossociais de Halbwachs (2013) para entender a construção social da memória, enfatizando o papel do ambiente social e das convenções coletivas. Além disso, Bosi ressalta a importância da dimensão subjetiva da memória, onde a lembrança ou o esquecimento das imagens criam uma

unidade pessoal. A autora observa que as memórias individuais desses sujeitos se desenvolvem em um espaço aparentemente isolado, destacando a dualidade entre o individual e o social nas narrativas memorialistas. As memórias pessoais dos idosos são influenciadas pelo tempo social, pelo tempo da geração que viveu as experiências e pelo tempo familiar que dá coesão ao grupo.

Ainda sobre o livro mencionado, Bosi (2023) discute a importância do espaço nas autobiografias, afirmando que a disposição espacial é essencial para entender nossa posição no mundo e nossa relação com os outros. Os lugares e objetos com os quais nos relacionamos criam vínculos que persistem mesmo quando não estão mais presentes. Além disso, Bosi destaca a importância da memória do trabalho, que não apenas serve como ensinamento e conselho, mas também revive práticas passadas. Para ela, a narrativa memorialista encontra sua razão de ser no trabalho, que é a substância da vida.

Munidos da concepção de memória descrita por Ecléa Bosi, é interessante atentar-se para o fato de que nossa personagem além de ter nascido no então Asilo Allan Kardec, também nele trabalhou, se aposentou e retornou como voluntária. Ou seja, grande parte da construção memorialista de Dalila se dá a partir da ideia de que o asilo teria sido o salvador de sua história de vida, não apenas por acolher ainda recém-nascida, mas também por lhe dar certa qualidade de vida a partir do trabalho.

Interessante notar como Dalila, antiga interna, mesmo depois de casada, viveu sempre em relação à dita Instituição, local que sempre revisitava, na qual, como já mencionado, trabalhou até a aposentadoria e a qual nunca conseguiu se desvencilhar. Na velhice, depois de constituir família mais ou menos numerosa, decidiu escrever suas memórias, notadamente marcada por memórias daquele local e elogios à Instituição. Vale ressaltar que Dalila chama o arquivo no qual discorre sobre suas memórias de “Meu Diário”, mas não se trata de um diário no *stricto-senso* do que é, pois nele há registros de um passado mais distante e até mesmo histórias que foram contadas a ela por outrem. Além disso, o texto não acompanha de forma fiel o dia a dia de Dalila. Depois de narrar sobre seu nascimento ela escreveu: “Até aqui cravei o que papai, mamãe e outros me contavam e agora passando a cravar fatos de minha vida já depois de grande, sou eu mesma que me lembro dos fatos já acontecidos” (Dalila, s/d., p. 14), ou seja parte da narrativa do diário é feita a partir da percepção que Dalila teve da história outrora contada a ela por outros personagens.

Logo na primeira página de suas memórias registradas, Dalila escreveu: “Em você [no diário] gravarei por escrito o passado, o presente e meus acontecimentos futuros que for

desenrolando em minha jornada de amor, felicidade e orgulho. Disse orgulho... sim orgulho, por ser amada também, tanto quanto por se amar na vida” (Dalila, s/d., p. 1). Chamou-nos a atenção que Dalila utiliza-se de alguns termos para se referir a sua história, como “orgulho” e “amada”, de modo que nossa personagem a todo momento, seja em entrevistas ou nas próprias lembranças escritas, sente a necessidade de afirmar uma positividade na sua trajetória de vida.

Contudo, Goffman (2001, p. 24) se dispõe a discutir sobre indivíduos que adentraram as ditas instituições totais e não, necessariamente, nasceram naquele lugar:

O novato chega no estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despedido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado.

Institucionalizada desde o nascimento, nossa personagem construiu sua concepção de si a partir de suas vivências no Hospital Psiquiátrico Allan Kardec, ou seja, ela não despiu de disposições sociais que a ajudavam a se entender enquanto indivíduo num meio social. Pelo contrário, a mortificação do eu de Dalila começa no seu nascimento.

É exatamente nessa questão que está nossa inquietação. Explica-se: embora, segundo nossa concepção, institucionalizada, a personagem dessa história não passou a vida inteira, obrigatoriamente, em nenhuma instituição, contudo as casualidades da vida desde o seu nascimento fizeram com que Dalila atrelasse sua história com a da dita instituição.

Diferentes pesquisadores estudaram o processo institucionalização de pessoas, de modo que observaram que as relações político-sociais parecem estar atravessadas pela existência das ditas "instituições totais". A abordagem mais conhecida é a de Foucault (2019) em sua obra *História da Loucura*, que analisa não somente a internação de loucos em asilos, manicômios e hospitais psiquiátricos, mas também as normas de conduta aplicadas a esses sujeitos internados. Assim, Foucault compreende que há um processo de formação ideológica, por parte do Estado ou outrem que interna, de modo que é a partir desse processo que se funda um conjunto de práticas institucionais médicas, como o ato de medicalizar, que leva o sujeito à institucionalização. Esse aspecto faz do hospital uma ferramenta poderosa de dominação.

Apesar do primoroso trabalho de Michel Foucault, a obra contempla o velho continente. Maria Clementina Pereira Cunha (1986) e Roberto Machado (1978) se destacam nos estudos sobre a institucionalização na perspectiva brasileira. Os hospitais do eixo Rio -

São Paulo e o cotidiano dessas instituições foram alvos, respectivamente, dos historiadores. A relação entre o sanitarismo e higienismo no processo de institucionalização dos sujeitos nas entidades do Rio de Janeiro e São Paulo demonstram a ideia do ordenamento e regramento social a partir de um viés moral. Portanto, o pensamento moral vigente de um terminado espaço e/ou grupo ditou por tempos a forma pela qual os pacientes seriam tratados. Esse fato, obviamente, não é excluído da instituição que é cenário em todas as fases da vida de nossa personagem. Contudo, esses trabalhos não contemplam as histórias de vidas dos agentes históricos submetidos à ditas instituições, mas acabam por trazer um panorama geral do que seria a institucionalização desses indivíduos.

Interessante notar também que o processo de institucionalização de Dalila se iniciou no momento do seu nascimento, uma vez que dentro dos muros do Hospital Allan Kardec ela nasceu e passou grande parte da vida. Nessa perspectiva, a institucionalização de crianças também tem importância no nosso trabalho. Damos destaque, então, aos trabalhos de Pilotti e Rizzini (1955), que analisam a assistência à infância no Rio de Janeiro, incluindo os asilos de órfãos da Santa Casa e a “roda dos expostos”. No início do século XX, várias tentativas ocorreram para o controle dos menores de idade, entre elas o Código de Menores de 1927 e as inúmeras escolas profissionalizantes. Obviamente, assim como nossa personagem, a maioria das crianças alvo dessas políticas eram aquelas oriundas de famílias empobrecidas:

O mito criado em torno da incompetência das famílias das classes empobrecidas para criarem seus filhos faz emergir uma violenta intervenção do Estado, levando os juristas a delegarem para si próprios o poder de suspender, retirar e restituir o Pátrio Poder, sempre que julgassem uma família inadequada para uma criança (Pilotti; Rizzini, 1995, p. 25).

Ainda que nossa personagem seja uma dessas crianças afastadas da família na primeira metade do século XX, nos parece que ela não vivenciou o “trauma” desse afastamento, pois sempre compreendeu sua vida atrelada a dita instituição.

É por isso que nos relatos de Dalila é interessante notar sua leitura da própria vida como sendo uma criança muito desejada e recebida com carinho antes mesmo do seu nascimento. Sobre o assunto, ao falar dos preparativos para seu nascimento, como cuidados com a vestimenta, Dalila escreveu:

É curioso que mesmo nascendo nas dependências de um hospital cujo os cuidados eram destinados aos doentes da mente e fruto de um relacionamento que, aparentemente, não era feliz, Dalila construiu uma narrativa na qual sua chegada ao mundo foi muito esperada e

desejada. Ainda que Dalila descreveu o desejo muito mais atrelado à D. Maria, ela não deixou de destacar o interesse do caseiro sobre o cuidado com a criança prestes a nascer:

Outro fato curioso é que mesmo afetada por questões de loucura, Dalila descreveu que no momento do seu nascimento, sua mãe foi curada, mesmo que por alguns instantes:

Sr. Francisco ao chegar no local onde chamavam por seu nome ficou perplexo ao ver D. Ernestina, a doente mais furiosa, transformada em uma mulher calma, implorando que a desamarrasse; mais que depressa Sr. Francisco desamarrou-a, deixando-a em liberdade (...) e sem esperar dentro de poucos instantes nascia uma forte menina em companhia dele [o caseiro] e auxílio de algumas doentes melhores que estavam naquele salão (Dalila, s/d., p. 3-4).

A cura de D. Ernestina foi momentânea, somente durante o processo em que estava ao lado de sua filha, pois logo após ter afastada a criança, a paciente voltou a apresentar o quadro de raiva. Após o nascimento de Dalila, o caseiro levou a criança até sua esposa para que esta cuidasse da criança. Nos escritos de nossa personagem, D. Maria estava dormindo e sonhava com o choro de um bebê e quando foi acordada pelo esposo rogou para que aquela criança recém-nascida à sua frente não fosse fruto dos seus sonhos. Recuperada do seu estado quase que sonâmbulo, D. Maria, acalentou a criança e a deixou e seus aposentos indo de encontro com o esposo para saber se este precisava de ajuda.

Antes mesmo de chegar no salão no qual o parto havia acontecido, D. Maria começou a ouvir barulhos e gritos:

[...] correu, abriu a porta e viu seu esposo lutando com D. Ernestina que numa fúria terrível já tinha rasgado toda camisa de Sr. Francisco, que procurava acalmá-la sozinho, pois os outros doentes melhores tinham corrido de medo ao ver a fúria daquela pobre mulher que sem saber o que falava pedia a filha para matar, pois “aquilo” era pedaço de Avelino, seu esposo (Dalila, s/d., p.4).

É nítido, portanto, que, segundo Dalila, a sua presença e/ou ausência era capaz de modificar as emoções e ações das pessoas a sua volta. Explica-se: D. Maria casada a algum tempo não tinha filhos e este era motivo de tristeza para ela, Dalila aparece como a criança que ela sempre desejou; já com D. Ernestina, a criança prestes a nascer fez com que a mulher saísse de seu estado patológico, mas depois de afastada, sua mãe voltou ao quadro doentio e queria até matá-la.

Quando pensamos que Dalila dará atenção, em suas memórias, para o fato de sua mãe biológica querer matá-la logo após seu nascimento, somos surpreendidos, pois ela narra a preocupação do casal para com a alimentação da criança que não poderia ser amamentada

pela mãe. Segundo Dalila (s/d. p. 5): “D. Maria disse ao esposo que não se aborrecia com o trabalho com que a criança poderia dar, pois ela faria qualquer sacrifício imensamente satisfeita pois a criança estava sã e salva, ela cuidaria com todo amor e carinho daquela menininha que parecia ser dela e de mais ninguém”.

A história segue. Na manhã seguinte ao acontecimento, 06 de maio de 1927, o diretor do Asilo, José Marques Garcia, chega ao estabelecimento e logo é noticiado sobre o nascimento da criança que ocorrera na madrugada. Depois de conversar com o casal de caseiros, o diretor decide novamente escrever para Pitangueiras a procura da família de D. Ernestina e informar o nascimento da criança, descrita por Dalila como “filha da casa”, na esperança de que este fosse um motivo para que Sr. Avelino, o esposo da interna, fosse ao encontro da esposa abandonada e, conseqüentemente, de sua filha.

Alguns dias depois de enviada a carta, o irmão de D. Ernestina aparece em uma visita para levar a interna a um hospital mais próximo da cidade em que viviam. O irmão relata que Sr. Avelino havia fugido da cidade e nada havia informado sobre a internação de Ernestina. Ao ser indagado sobre a recém-nascida, o rapaz diz que não há possibilidade de levá-la nessa viagem, mas que em outra oportunidade voltaria para buscá-la.

A pedido do diretor do Asilo, D. Maria levou a criança para que o tio a pudesse conhecer e na presença de Ernestina que não estava tão furiosa e não reconheceria menina, ficou decidido que a criança ali ficaria:

Depois que D. Ernestina falou uma porção de coisas que não entendiam, ela tirou a menina dos braços do irmão, cena que assustou todos, principalmente D. Maria, mas tranquilizaram logo após a doente num momento passageiro de calma, beijou a menina e entregou-a a D. Maria pedindo que cuidasse bem dela, não sabia de quem era, mas uma criancinha era muito bonitinha e merecia ser muito feliz (Dalila, s/d. p. 10).

Mais uma vez nos chama atenção o fato de que a presença de Dalila fez com que, ou ajudou para que, Ernestina saísse do seu quadro psíquico-patológico.

Ficou decidido, então, que a criança ficaria sobre os cuidados do casal de caseiros do Asilo. Sr. Emídio, irmão de Ernestina, comentou que não tinha intenção de ficar com a criança pois era pobre e não poderia dar a ela uma boa vida e que seus irmãos nada iriam querer com a pequena, uma vez que odiavam a irmã por ter se casado com Avelino e entendiam que ela seria um pedaço do “traste” que havia fugido. Antes que fossem embora, a criança foi registrada, fato que preocupou D. Maria, mas ela ficou tão feliz com a oportunidade de ter a criança que nem ligou para isso.

Talvez o que Emídio queria mesmo era mais um braço para a “lida” na fazenda.

Dalila foi registrada sob a filiação de D. Ernestina e Sr. Avelino, contudo não foi com eles que ela cresceu, não foram eles que a levaram para a escola, a ensinaram a ler e escrever, deram o que comer e se dedicaram na sua educação, esses pequenos cuidados do cotidiano foram feitos pelo casal de caseiros, D. Maria e Sr. Francisco. Ainda assim, não há documentos oficiais de tutela da criança por parte do casal. Dalila estava a mercê do tempo, poderiam seus pais biológicos ou familiares voltar a qualquer momento e levá-la ou poderiam seus pais adotivos morrer e a deixarem sem ter para onde ir.

### **História de Vida e Instituições Totais**

Tributárias do conhecimento e da vivência do século XIX, as instituições de alienação fundadas no século XX transformaram-se, para muitos de seus internos, em “instituições totais”.

Instituições totais é o termo utilizado para designar um espaço restrito, independentemente de seu tamanho físico, nos quais o interno vive em tempo integral isolado do corpo social externo e ali desenvolve todas as suas atividades cotidianas, ou seja, é o único local que ele conhece como residência, trabalho, lazer, correção, educação, enfim, sociabilidades várias: “Uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes coparticipantes, com diferentes autoridades e sem um plano geral” (Goffman, 2001, p. 17).

O problema das instituições totais é que os indivíduos perdem a administração da própria vida, ficando sujeitos às decisões externas a si mesmos, rotinizadas e que são sempre tomadas no coletivo. Em outras palavras: as instituições totais aniquilam a identidade:

O aspecto central das instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição (Goffman, 2001, p. 17-18).

Nas instituições totais, os internos deixam de ser pacientes, pois sofrem o processo de institucionalização.

Institucionalizado é, de modo geral, o interno que não se reconhece mais longe da Instituição que o abrigou e/ou recolheu, não demonstrando e resistência à falta de individualidade, nem mesmo reconhecendo para si mesmo um passado ou um futuro fora daquele local. A institucionalização é apontada por especialistas e até mesmo por pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais como o resultado mais cruel das instituições de alienação para doentes mentais dos séculos XIX e XX.

Nesse ponto as perguntas que nos cabem são: a) seria Dalila institucionalizada?; b) se a institucionalização é um fator cruel na vida do interno por que Dalila sempre registou o Asilo Allan Kardec de forma positiva?; e c) seria Dalila o exemplo de que a institucionalização não acabou com a vida de todos os que foram institucionalizados? As respostas às perguntas não é tarefa fácil.

No que Dalila chamou de diário ela narrou suas memórias de infância que além de discorrer sobre seu dia-a-dia também privilegiou, no limite, o cotidiano do Hospital. No texto ela explicou que brincava apenas com a mãe (a caseira do hospital) que era muito ciumenta e a pajem, "uma doente que sarou e não tendo ninguém por ela, morava no hospital junto com os enfermeiros". Os parágrafos do dito diário seguem justificando que ela não tinha amigos da mesma idade, mas a memória se torna feliz quando a autora insiste que era por "amor e zelo extremos dos pais que se preocupam com ela". Em entrevista, ela afirmou que tinha todos os brinquedos que desejava, mas na autobiografia menciona apenas duas bonecas, sendo "uma que chorava". Ela se lembra ainda que brincava "solta pelo pátio" e que as senhoras ali residentes faziam-lhe roupinhas e bonequinhas de pano. E insiste: "olha que coisa, elas eram mais pobres que doentes porque tinham acesso às tesouras e agulhas.... de que outro modo faríamos as roupinhas para a boneca?" (Dalila, 2018, s/p.).

Dalila cresceu junto com o hospital, que ganhava cada vez mais e mais acomodações disponíveis e que, na década de 30 do século XX, já contratava diversos funcionários para ajudar o casal de caseiros/enfermeiros com os cuidados cotidianos.

Fica-nos, portanto, a indagação: seria possível institucionalizar alguém que não está recluso às dependências de uma instituição total?

Com o tempo, os pais adotivos de Dalila resolveram se mudar do asilo, seja pelo avançar da idade ou para, conforme ela preferiu informar, "cuidar melhor da educação e do cotidiano da filha":

Tinha papai e mamãe três casas situadas na Praça João Mendes, casas estas feitas antes de eu ter nascido, construídas em terrenos do Asilo e sendo de uso fruto deles e em suas faltas pertenceriam ao asilo, foi assim o trato que fizeram ao construir a casa nos terrenos do Asilo (Dalila, s/d., p. 16).

Dalila narrou que foram para uma dessas casas:

E assim fomos nós para uma delas, mãezinha escolheu a maior, paizinho assim que avisou o inquilino este mudou-se logo e nós mais que depressa fomos para a nova morada, as outras duas casas ficaram os mesmos inquilinos, pois os aluguéis eram boa renda para papai (Dalila, s/d., p. 17).

Mudaram de casa, Dalila crescia, ia à escola pública central, também perto de onde moravam. “A mãe fazia costura e crochê para vender, o pai fazia trabalhos de marcenaria”. Ambos, é claro continuavam a prestar serviços no Hospital. No final de semana, escreveu Dalila, “passeávamos sempre, íamos no Asilo”, que então já era Casa de Saúde Allan Kardec (Dalila, s/d.).

Chamou-nos a atenção como os dias de lazer também são descritos por Dalila como no ambiente da instituição, bem como que não há nenhuma referência em suas memórias de sobre pessoas fora do universo da Instituição. Certamente haviam outras crianças na escola, mas não ocuparam espaço importante na vida dela para merecerem menção no seu diário.

Ela descreveu de alguns natais, embora a periodização de suas narrativas seja um pouco confusa:

Eu vivia coberta de amor e carinho pelos meus adorados pais. Todo natal íamos passar no Asilo junto à todos (...). Naquele ano de 1937 como de costume fomos ao Asilo, onde papai e mamãe ajudavam no gostoso almoço que faziam para todos em geral, eu aproveitava para brincar e estar junto das doentes que eu tanto gostava, já grande levava balas e eu mesma repartia com elas, levava petecas e entrava para o pátio e era de admirar todos ficar (eu) ali entre elas sem juízo e não ter medo; sim delas nunca temi pelo contrário gostava de estar ali pois nada me faziam; ali tinha doentes de toda idade, mocinhas, senhoras de idade, etc, as que estavam furiosas não ficavam no pátio, ficavam fechadas em quarto. E as que no pátio estavam, todas brincavam (...) só não brincavam comigo as que a doença não permitia...(...) assim passava (eu) horas esquecida. Aquele natal foi de muita alegria (Dalila, s/d., p. 24-25).

Dalila prossegue falando de "abacaxis amarelinhos", do sabor das frutas! Mas porque ela se lembraria especialmente desse natal? Ela explica: foi nesse dia, no final da tarde, que sua mãe adotiva deu os primeiros sinais da doença que a mataria alguns meses depois.

Após a morte da mãe, Dalila ficou com o pai, o caseiro, que também faleceu em breve. Ela ficou sob os cuidados do padrinho, José Marques Garcia, diretor do Hospital. Dalila

narrou que antes de morrer seu pai pediu para que Sr. José Garcia a levasse de volta para o hospital:

Não tinha nem quatro meses que mamãe tinha desencarnado, quando passou papai a fazer recomendações a padrinho sobre mim, dizia ele que sabia que não suportava muito a vida sem mamãe e por isso pedia a padrinho que em sua falta olhasse por mim, pedia ele que não me levasse para parte alguma, a não ser de volta ao asilo, pois era o lugar que mais gostava, a não ser nossa casa (Dalila, s/d., p. 29).

É interessante notar que Dalila, mesmo vivendo longe da instituição, passava grande parte dos seus dias nas dependências do Asilo, o que gerou nos pais e, conseqüentemente, nela certo sentimento de segurança para com o estabelecimento. Dalila, a “filha da casa” como foi chamada ao nascer, voltaria a viver nas dependências do Allan Kardec.

Sr. José Marques Garcia levou Dalila de volta ao Casa de Saúde após a morte do pai: “Voltei ao asilo levada por padrinho, as aulas da escola tinham findado e eu tirara o diploma, mas não dei a menor importância... nada para mim servia... nada tinha alegria...” (Dalila, s/d. p. 28). No Asilo ela ficou “aos cuidados” de D. Rosa, uma enfermeira que morava no hospital, desde que ali foi para procurar ajuda para o seu marido que “sofria de mal do cérebro”. Com a morte rápida do marido, não tinha recursos para sobreviver e ficou por ali mesmo, hospedada/internada na casa de Saúde de Saúde Allan Kardec. Dalila passou a chamar D. Rosa de “madrinha”.

Dalila descreveu sua madrinha como bondosa e que adorava costurar. Ela era conhecida de seus falecidos pais e, por isso, compreendia a dor da perda de pequena órfã. A enfermeira colocou a jovem para dormir em seus aposentos.

Foi com D. Rosa que Dalila aprendeu vários dos serviços da então Casa de Saúde Allan Kardec. Logo após a morte de seus pais, José Garcia perguntou a garota se ela queria continuar os estudos. Seu pai teria deixado renda para tal finalidade e o diretor prometeu ajudar nas despesas caso fosse necessário. Dalila não aceitou. Ela explica que sua tristeza pela perda dos pais era tão grande que pouco se interessava pelos afazeres da vida, mas “queria ficar ali junto aos doentes” (Dalila, s/d., p. 30). O diretor em nada insistiu, mas pediu para que a enfermeira, D. Rosa, ensinasse Dalila corte e costura.

Dalila descreveu seus dias após a morte de seu pai dizendo que “ficava no sobrado no quarto que dava saída para uma pequena área, lia e olhava revistas ou adorava as nuvens como de costume, outras vezes ia para o pátio ficar junto com as doentes” (Dalila, s/d., p. 30). É curioso como Dalila a todo momento busca refúgio com os internos do hospital, talvez pelo

fato de crescer ali e ter intimidade com as essas pessoas ou até mesmo por de certa forma se identificar com esses sujeitos “presos” a uma instituição de alienação.

Os dias passaram e a tristeza de Dalila foi vencida pela rotina do hospital. Ela começou ajudando na cozinha, como copeira e logo estava ajudando até os enfermeiros com o trato dos doentes. Dalila não era funcionária nem paciente, mas era uma interna. Goffman (2001, p. 84-85) chama atenção para determinados serviços que “não fazem parte de um esquema oficial da instituição” e, no limite, são realizados por alguns internos, uma vez que “admita-se que o tempo de trabalho dos internados tem pouco valor para eles e está sujeito às ordens da administração – por exemplo, jardinagem, pintura de casas, limpeza, tomar conta das crianças”. O autor segue explicando que esse tipo de característica em instituições totais faz parte de um esquema no qual “as restrições comuns fazem com que, geralmente, fiquem [os internos] contentes, ao romper, dessa forma, as distâncias entre eles e a equipe dirigente”.

A linearidade dos fatos narrados por Dalila em seu diário é um pouco quanto confusa, mas tudo indica que ela ficou entre três ou cinco anos sob os cuidados de D. Rosa, já que ela deixou o emprego de enfermeira no hospital e começou a trabalhar como viajante para arrecadar fundos para diversos hospitais.

Quando Dalila tinha quinze anos de idade quando o diretor da Casa de Saúde, seu padrinho, foi a óbito, em junho de 1942. Dalila descreveu que “assim que chegou a notícia no asilo foi um grande abalo, todos os doentes choravam e clamavam. O asilo parecia ter posto de luto e ninguém quis comer nesse dia. As doentes furiosas que gritavam e xingavam ficaram silenciosas, só se ouvia exclamações e choros” (Dalila, s/d., p. 32). A morte do diretor da instituição não fez com que as atividades ali se encerrassem, então logo elegeram um novo diretor, Sr. José Russo. A vida de Dalila continuou igual, trabalhando e compartilhando a vida com os internos do Allan Kardec.

Nessa altura da vida, o cotidiano de Dalila era administrado a partir do cotidiano do hospital. A personagem narrou que aos quinze anos, já mocinha, tinha como amigas as doentes e enfermeiras do Allan Kardec, de modo que as crianças de sua idade que frequentavam o asilo, seja por visitas e/ou acompanhando trabalhos voluntários, diziam “ter muita pena” de Dalila, de vê-la “fechada ali, sem sair para passear em parte alguma”. É nesse ponto que Dalila apresenta uma característica muito comum em sujeitos institucionalizados, pois ela segue sua narrativa dizendo que não se importava com as falas de outrem, já “tinha se acostumado naquela vida”, não se “lembrava se existia jardim, cinemas ou outras diversões”. É nítido que Dalila compreendia sua história atrelada ao cotidiano do

hospital, suas tarefas diárias não passavam de atividades exercidas em prol dos serviços asilares/hospitalares.

Dalila narrou também que em dias de visita, ao ter contato com crianças de sua idade, muitas vezes foi confundida com uma interna doente da entidade.

Assim cresceu Dalila: em volta de doentes da mente, pessoas abandonadas, enfermeiros sem ter para onde ir e pessoas que ora ou outra o tempo cuidava de tirar de sua vida.

Foi também no Hospital Allan Kardec que Dalila conheceu Benedito Antônio, rapaz com quem ela se casaria logo após fazer dezesseis anos de idade. Benedito era filho do novo caseiro da instituição, era ele carroceiro do asilo e almoçava todos os dias junto aos funcionários. Dalila nessa época, um pouco antes dos seus dezesseis anos, servia o almoço dos doentes e dos funcionários. Foi ali que se encantou e trocou as primeiras palavras com seu futuro marido.

Benedito Antônio já a conhecia a tempos, chegou a conhecer seus pais e tinha até uma irmãzinha que havia estudado junto a Dalila. No Natal de 1942, o rapaz foi até o Allan Kardec em passeio com as irmãs e aproveitou a oportunidade para entregar um envelope para Dalila. Segundo ela, “corri para meu quarto e fechei a porta aflita, abri o envelope para ver o que tinha; que bonito... um lindo postal, tendo um coração e abrindo este tornava-se uma flor, tendo no centro um casal de namorados de mãos dadas” (Dalila, s/d., p. 35).

Foi na virada do ano de 1942 para 1943 que Dalila encontrou com Benedito Antônio nos corredores do hospital e ali conversaram sobre seus sentimentos. O rapaz dera a Dalila um novo cartão, enquanto a jovem entregara uma foto sua. Depois de verificada a reciprocidade dos sentimentos:

[...] apertando forte a minha mão perguntou-me – você quer se casar comigo? – eu demorei um pouco a responder (...) fiz um ar de rir e ele aflito tonou a perguntar, então eu respondi que sim, como se alguém me oferecesse um doce que eu gostava. (...) Ele sabia que era criança boba que não sabia o que era o amor, mas confiante de que com o tempo viesse amá-lo muito para o resto da vida (Dalila, s/d., p. 36).

E foi assim que Dalila se tornou noiva, sem muito entender o que isso significava, dentro dos muros do Allan Kardec. Para oficializar o noivado, Benedito Antônio pediu a permissão então diretor da Casa de Saúde, Sr. José Russo, visto que Dalila tinha apenas quinze anos de idade, não tinha família e era uma “interna” do hospital, não como os doentes que lá estavam, mas era Dalila uma pessoa sob responsabilidade do Allan Kardec. O diretor

consentiu com o noivado e a felicidade daquele momento logo foi vencida pelo cotidiano da instituição. A comemoração se deu trabalhando, foram todos os funcionários do hospital, homens e mulheres, colher milho e fazer pamonha aos doentes:

[...] começaram a dar palpite de brindarmos todos (...) cada um falava uma coisa, por fim Sr. João que tomava conta da horta e do armazém disse [que] o melhor é irmos na horta, que mais parecia uma roça grande, apanhar milho verde para fazer pamonha e repartir no dia seguinte com todos os doentes, apoiarei a opinião e assim fizeram. Trouxeram cinco sacos de milho. O enfermeiro trouxe cinco doentes boas para ajudar. Assim, todos reunidos numa folia enorme fomos dando andamento nas pamonhas (Dalila, s/d., p. 38).

O que os chama atenção é a naturalidade como o cotidiano de Dalila é narrado, por ela mesmo, sempre atrelado ao cotidiano do hospital. Seu noivado é marcado pelos serviços comuns da instituição, bem como é dado certo protagonismo a figuras que circundam aquele mundo, sejam os funcionários que fazem parte da lida cotidiana, sejam os doentes internos. Essa proximidade entre internos e funcionários faz parte do processo de institucionalização, segundo Goffman (2001, p. 85):

Além dessas maneiras incidentais de cruzar a fronteira, toda instituição total parece criar um conjunto de práticas institucionalizadas – seja espontaneamente, seja por imitação – através das quais os internos e a equipe dirigente chegam a ficar suficientemente perto para ter uma imagem um pouco mais favorável do outro e a identificar-se com a situação do outro. Tais práticas experimentam solidariedade, unidade, e compromisso conjunto com relação à instituição, e não diferença entre os dois níveis.

29 de maio de 1943 foi a data escolhida para o casório. O dia tão aguardado foi de muito sol, Dalila se levantou cedo e “como de costume” ajudou “a repartir o café para os doentes” (Dalila, s/d., p. 42-43). Foi mais um dia qualquer. Dalila e Benedito Antônio não chamaram convidados, exceto os funcionários do hospital e os parentes do esposo.

Sobre o dia do casamento, Dalila (s/d., p. 43) escreveu:

Me vesti de noiva no asilo, antes de sair, em vez de me despedir dos meus pais, porque não os tinha mais, fui ao portão do pátio me despedir dos doentes que eram toda minha família, foi muito triste (...) chorei muito por ouvi-los a clamarem minha saída, depois fui conduzida pelo brado do meu padrinho [Sr. José Russo] até o portão de saída onde esperava o automóvel (...) ouvi grandes comentários (...) achavam bonito, mas triste, sair do asilo de loucos, como diziam, uma moça vestida de noiva (...).

Dalila casou-se e seu dia, como mencionado em suas palavras, foi marcado pela presença do Hospital Allan Kardec: seja pelo fato de ela se arrumar na instituição, seja pela

sua despedida e consolo da falta dos pais ser com os doentes, seja pelos convidados serem funcionários dali ou até mesmo pelos comentários que ouvira sobre ser “bonito e triste” uma noiva que sai de um “asilo dos loucos”. A verdade é que a instituição atravessou todas as fases de sua vida até então. E continuaria assim pelo resto de sua vida.

### **Considerações Finais**

A problematização do conceito de “institucionalização” tomou por base parte da vida de Dalila e seu contexto. Assim, a especificidade da nossa personagem, bem como a interferência do contexto ou do meio como aspectos alteradores e explicativos das singularidades dela, assim como seus caminhos traçados nos revela que mesmo sem ser paciente e formalmente funcionária, Dalila teve a vida atravessada por uma instituição total, o Hospital Psiquiátrico Allan Kardec. Seria então Dalila uma mulher institucionalizada?

A resposta não é simples. A vida de Dalila esteve atrelada ao Hospital Allan Kardec antes mesmo de seu nascimento. Desde o momento em que D. Ernestina, abandonada pelo esposo, adentra os muros da instituição, Dalila esteve ligada ao asilo. Mesmo depois de sair dali com seus pais adotivos, ela é forçada a retornar devido a morte destes. Sem familiares e ainda criança, a única estratégia, possivelmente involuntária, foi transformar aquela instituição no seu lar. Foi ali que Dalila cresceu, fez amigos, dedicou-se a um trabalho e conheceu o seu grande amor. Foi ali que Dalila aprendeu a cozinhar, costurar e, mais do que isso, foi por conta de instituição que, no limite, Dalila aprendeu que família, carinho e afeto podem surgir com seu nascimento, mas também podem ser construídos ao longo da vida.

Obviamente, parte da história de vida de Dalila aqui apresentada não foi um conto de fadas. Ao longo da narrativa a personagem nasceu em um hospital para doentes da mente e não em uma maternidade, ela foi abandonada pela mãe que não estava saudável psicologicamente, foi abandonada pela família biológica, perdeu seus pais adotivos, se separou daquela que a acolheu quando voltou ao hospital, viu partir aquele que ela chamava de “padrinho”. Fato é que o único personagem constante na vida de Dalila foi o Hospital Psiquiátrico Allan Kardec, afinal ela era “a filha da casa”.

### **Fontes**

#### Impressas

SANTOS, Dalila Pereira dos. **Meu diário**. Franca, 2024.

#### Orais

SANTOS, Dalila Pereira dos. **Entrevista** cedida à Marcia Pereira da Silva. Acervo Histórico da Fundação Espírita Allan Kardec (FEAK), 2018.

## Referências

BARROS, José D. Assunção. Memória e História: uma discussão conceitual. **Tempos históricos**, v. 15, n. 1, p. 317-343, 2011, p. 317. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6798378>>. Acesso em: 05 out. 2025.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 20 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2023.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 189.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho do Mundo: Juquery, a História de um Asilo**. 2a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília**. São Paulo: Globo, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: História Oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Reflexões sobre história de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, v. 3, 2009. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/26>>. Acesso em: 21 set. 2025.

PILOTTI, Francisco e RIZZINI, Irene. **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. Rio de Janeiro, Universitária Santa Úrsula, 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do 'indizível' ao dizível. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (org.). **Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, p. 14-43, 1988.

ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a *gestalt* das autobiografias e suas consequências metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

SCHWARZSTEIN, Dora. História Oral, memória e histórias traumáticas. **História Oral**, v. 4, p. 73-83, 2001. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/36/30>. Acesso em: 30 set. 2025.

SILVA, Igor Moraes da. **Louco ou Obsedado? Psiquiatria e Espiritismo no Brasil (1883-1927)**. Curitiba: Appris, 2024.